

Diversão & Arte

A novela VAI acabar?

Fracassos em tramas originais, investimento em reprises e remakes de sucessos do passado na tevê aberta e o êxito de produções em novo formato para o streaming reacendem debate sobre o futuro do tradicional gênero

» PATRICK SELVATTI

Se você perguntar a um estrangeiro quais são as referências que ele tem do Brasil, a resposta passará por três símbolos: carnaval, futebol e novela. Essa última, há mais de 60 anos faz parte dos hábitos dos brasileiros, sendo considerada o produto de maior audiência e repercussão da televisão, não somente no consumo interno, mas também no mercado internacional.

Paixão avassaladora, os folhetins criados pelo que o produtor Daniel Filho denominou de “circo eletrônico” eram capazes de reunir famílias na frente da tevê até mesmo na noite de Natal — como ocorreu quando a vilã Odete Roitman, de *Vale tudo*, foi assassinada em 24 de dezembro de 1988 — e abastecer discussões acaloradas em salões de beleza, mesas de bar e, agora, na internet. Com a popularização das redes sociais e do streaming — frutos diretos dos tempos modernos —, porém, o gênero tem passado por transformações que colocam em xeque a sua popularidade.

No passado, títulos como *Vale tudo* — que retorna, hoje, 37 anos depois, como remake —, *A próxima vítima* (1995) e *Avenida Brasil* (2012) não somente pararam o Brasil nas exhibições de seus últimos capítulos, como percorreram o mundo, levando o nome e a cultura do nosso país para territórios diversos e fazendo com que a nossa teledramaturgia se tornasse um modelo a ser seguido.

Cheiro de naftalina

No entanto, após a pandemia, o público passou a rejeitar os novos títulos produzidos pela tevê aberta — em especial pela Globo. Não por acaso, o canal aposta não somente em reprises de obras que fizeram grande sucesso — como *Tieta*, de 1989, em cartaz no programa *Vale a pena ver de novo*, que será substituída por *A viagem*, de 1994 —, mas também em remakes — como *Pantanal*, da extinta Manchete; e *Renascença*, da própria Globo.

A primeira trouxe resultados positivos, mas o efeito não foi o mesmo com a segunda. Agora, com o fracasso registrado em *Mania de você* — trama original que sucedeu *Renascença* e antecedeu *Vale tudo* —, a releitura daquela que a opinião especializada chama de “a novela das novelas” divide opiniões: a solução para a crise no gênero está no investimento em histórias já contadas?

Para Mauro Alencar, consultor e doutor em Teledramaturgia pela Universidade de São Paulo (USP), raras são as produções que real-

mente encantaram. “Uma produção audiovisual é o retrato fidedigno de um tempo, de um espaço, de uma construção em conjunto entre autor, diretor, produção e, meu Deus!, dos atores! É a atriz, o ator quem irão nos encantar e nos seduzir para acompanhar a trama e guardá-la em nosso subconsciente”, avalia o autor do livro *A Hollywood Brasileira — Panorama da telenovela no Brasil* (Senac Rio, 176 páginas).

Mas, de acordo com Amauri Soares, diretor-executivo da TV Globo, recontar histórias faz parte de todo o mundo: “As histórias clássicas são aquelas que resistem ao tempo. *Vale tudo* é um clássico da telenovela. Em 1988, teve a primeira versão; nós estamos fazendo uma nova versão hoje; e eu imagino que, daqui a 30 anos, uma nova geração de profissionais da televisão fará uma nova versão. Porque faz parte da contação da história”.

Autora escolhida para adaptar *Vale tudo* — uma obra de Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères —, Manuela Dias endossa a teoria. “As histórias que não foram recontadas nós nem conhecemos. Os remakes provocam encontros de gerações, de pessoas que viram com pessoas que não viram (a novela), e fazem a gente se repensar como sociedade”, defende a criadora da exitosa antologia *Justiça* e da popular novela *Amor de mãe*.

Geração TikTok

Mauro Alencar explica que, “em plena Quarta Revolução Industrial, em que reina a cultura

da virtualidade real”, não dá mais para considerar a telenovela como uma paixão nacional. “Em uma era em que a cultura está fragmentada e diluída (o tal mundo líquido moderno na compreensão precisa do sociólogo Zygmunt Bauman), é praticamente impossível que você tenha um produto cultural como paixão nacional. As paixões é que se pulverizaram também, e cada grupo vai encontrando o que melhor completa os seus desejos conscientes ou não, mas tendo a teledramaturgia como grande catalisadora”, ressalta o especialista.

Se na tevê aberta a novela parece saturada, o mesmo não se pode dizer do streaming. Escrita pelo estreado no gênero Raphael Montes, de 34 anos, com supervisão do veterano Sílvio de Abreu, 82, a original *Beleza fatal* uniu inovação e tradição, marcando a entrada triunfal da gigante Max (por meio da parceria Warner Bros. Discovery) no segmento, com resultados bem-sucedidos não apenas na audiência como também na popularidade, — com o frisson pelo último capítulo que não se via desde *Avenida Brasil*.

Na avaliação da vice-presidente de Conteúdo da WBD no Brasil, Mônica Pimentel, o melodrama — essência de um bom folhetim — tem potencial duradouro, mas deve ser reimaginado para o público atual. “O melodrama, por sua essência, sempre terá potencial para se conectar com o público, devido às suas características fundamentais de emoção e identificação. No entanto, para que esse gênero se mantenha re-

levante, é crucial adaptá-lo às novas realidades contemporâneas”, afirma a executiva, que tem na manga, totalmente produzida, a releitura de *Dona Beja*, exibida originalmente pela Manchete em 1986, ainda sem data para estrear. Ambos os títulos possuem o mesmo formato: apenas 40 capítulos.

Raphael Montes reforça que, há alguns anos, fala-se que é o fim da novela, mas o brasileiro ainda quer assisti-la — e comentá-la. “Acredito em uma mudança na maneira de fazer e de assistir, no tamanho dos capítulos, e no sentido de que os autores devem olhar para o público atual, já que estamos em uma geração TikTok”, argumenta o escritor. “Eu percebo isso pelo que chega a mim por mensagens nas redes sociais e também por dados que me foram passados. Mas é importante frisar que o padrão de audiência do passado não é o mesmo. Não dá mais para comparar com os tempos áureos. Mas, sim, *Beleza fatal* provou que o brasileiro ainda quer novela”, acrescenta.

“O gênero ou formato (a depender da corrente teórica) telenovela vem falhando na falta de sintonia com o consumidor desta Quarta Revolução Industrial. Daí o sucesso extraordinário de *Beleza fatal*. A produção, porém, seria uma novela para ser exibida às 22h ou 23h e, mesmo assim, com cortes nas cenas mais ousadas sexualmente. Mas acredito que se fosse bem trabalhada para a sua exibição e em uma empresa organizada e com tradição em telenovela, sim, poderia fazer sucesso, talvez não tão alarmante como no streaming”.

salienta Mauro Alencar.

Essa tendência não é ignorada pela tevê aberta. A Globo, por exemplo, por meio da plataforma Globoplay, que nasceu para disponibilizar seu acervo histórico ao estilo Netflix, também investe no formato para novas novelas — antes mesmo das gigantes internacionais, inclusive, com títulos bem-sucedidos como *Verdades secretas II* (2021) e *Todas as flores* (2022).

Para mais 100 anos

O diretor-executivo da Globo, Amauri Soares, pontua que a telenovela é um gênero tradicional, que nasceu no rádio, mas tem todas as características do conteúdo digital do presente e do futuro. “É um gênero que se reinventou e que se mostra muito moderno. O nosso dever é encontrar as histórias adequadas para o dia de hoje, que caibam nesse formato, mas eu não tenho dúvida que (o gênero) está aí para mais 100 anos”, aposta.

Rosane Svartman, que escreveu o livro *A telenovela e o futuro da televisão brasileira* (Cobogó, 248 páginas), como desdobramento de uma tese de doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF), também defende a longevidade do gênero. “Não há crise, mas oportunidade. Tanto que o melodrama migrou para o streaming com muito êxito. É recente e transformador”, conclui a autora de *Vai na fé* (2023), considerado o último grande sucesso do gênero na tevê aberta, e de *Dona de mim*, aposta da Globo para o horário das 19h a partir de abril.

